

22 JAN 2003

BRASÍLIA-DF

PRESSIONADO
PELAS ACUSAÇÕES
DE FISIOLÓGISMO,
O GOVERNO
ASSUME A
PREFERÊNCIA
PELA CANDIDATURA
DE SARNEY



POR
ARLETE SALVADOR

arletes@correioweb.com.br

À luz do dia

O senador Renan Calheiros (PMDB-AL) perdeu a disputa pela presidência do Senado, mas alcançou um dos seus objetivos — fazer o PT e o governo deixarem explícita sua interferência nas negociações para a renovação das mesas diretoras do Congresso. Até semana passada, o apoio do governo à candidatura do ex-presidente José Sarney, adversário de Renan no partido, era subliminar, embora óbvio. Sarney é aliado de primeira hora do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Roseana Sarney (PFL), filha do ex-presidente, declarou sua adesão a Lula no segundo turno da eleição numa cama de hospital. Quem o Planalto preferiria? O aliado Sarney ou Renan, que apoiou José Serra?

Mas o que era óbvio do ponto de vista político vinha sendo negado de forma oficial pelo governo. Repetiam os líderes a ladainha de que a escolha do candidato à direção do Senado era assunto interno do PMDB. Depois da reunião da bancada de senadores peemedebistas, convocada por Renan, o discurso mudou. E mudou para acompanhar a prática. “Numa democracia, o governo tem todo direito de deixar clara a sua preferência por um candidato que vai dirigir o Congresso”, diz o futuro líder do PT no Senado, Tião Viana (AC). “Para nós, o senador Sarney é o que tem perfil ideal para o cargo, pelo seu passado e pelo seu compromisso com as reformas pretendidas pelo presidente Lula.”

Pegou mal, inclusive dentro do próprio PT, a atuação do ministro-chefe da Casa Civil, José Dirceu, nas negociações para adiar a decisão da bancada do PMDB e as acusações de que o governo colocou a máquina do fisiologismo para funcionar. No PT, acredita-se que Dirceu está na função justamente para fazer a ponte política do governo com o Congresso, defendendo seus interesses. O erro, entendem os petistas, foi não ter feito isso de forma clara, à luz do dia, numa referência aos inúmeros telefonemas trocados na madrugada entre os peemedebistas e o governo. Com isso, o Planalto teria aberto espaço para versões falsas ou exageradas das conversas mantidas pelo ministro com senadores peemedebistas.

“O que o ministro fez e tem todo o direito de fazer, pois foi nomeado para isso, é explicitar a preferência do governo por um nome. Não houve falta de ética nesse comportamento nem oferecimento de cargos”, garante Tião Viana. A correção de rumo começou ontem mesmo, com os líderes do PT no Senado e no Congresso, Aloísio Mercadante, reunindo-se com Renan Calheiros. Tratava-se de um gesto político de aproximação com Renan e, ao mesmo tempo, admissão dos interesses do governo na decisão sobre a presidência do Senado. Os dois líderes foram escalados como as vozes para explicitar a preferência por Sarney e explicar suas razões. Incluiu-se aí também o ministro José Dirceu. Ficou fora desse movimento o presidente nacional do PT, José Genoíno. Assim, os petistas e o governo marcam os limites de atuação de cada agente no processo de sucessão no Senado.

